

(EN)CENA A PERSPECTIVA DECOLONIAL DA PSICOLOGIA DO TRABALHO

(En)cena the decolonial perspective of work psychology

(En)cena la perspective décoloniale de la psychologie du travail

(En)cena la perspectiva decolonial de la psicología del trabajo

Lêda Gonçalves de Freitas¹ ©

Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília, Distrito Federal, Brasil

Lilium Deisy Ghizoni² ©

Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, Tocantins, Brasil³

Chegamos ao primeiro número da Revista Trabalho (En)Cena de 2020. Assim, entramos no quinto ano de existência, com intenso trabalho da equipe editorial para qualificar a Revista, com base em preceitos acadêmicos, éticos e políticos.

Ao longo desses quatro anos, que se passaram, a Revista se instituiu como um periódico plural no campo do mundo do trabalho ao assinalar a psicologia do trabalho, mas, ao mesmo tempo, dialogar com áreas afins. Investiu em vincular grupos de pesquisa e demais interessados na área de estudos desse periódico por meio de artigos de fluxo contínuo, mas também com dossiês, vindos de parcerias internacionais e nacionais, tais como: O panorama da pesquisa em didática: suas forças, desafios e contribuições para a compreensão do trabalho docente, organizado por pesquisadores do Canadá (publicado em 2018); Riscos psicossociais no trabalho: diferentes visões para seu estudo no contexto argentino, organizado por pesquisadores da Argentina (publicado em 2019); Saúde Mental e Adoecimento nas Instituições de Ensino Superior - Parte I, organizado por pesquisadores brasileiros (publicado em 2019).

Neste pouco tempo de existência da Revista Trabalho EnCena, acompanhamos mudanças significativas e dolorosas no mundo do trabalho. Em meio a uma crise política, sanitária, econômica e educacional sem precedentes em curso no nosso país, revelando a necropolítica da exploração e imposição da autoexploração do capitalismo neoliberal,

¹ ledag@ucb.br

² ldghizoni@gmail.com

³ Quadra 109 Norte – Av NS 15 - BALA 2 - Sala 15 - Plano Diretor Norte, Palmas TO – Brasil - CEP 77001-923

evidencia-se a importância inevitável de pensar e elaborar sobre o mundo do trabalho no Brasil numa visão decolonial, no sentido atribuído por Mignolo (2005) na ideia do lugar de fala. Deste modo, o pensar decolonial considera indispensável ouvir as vozes e saberes dos grupos subalternizados e ocultados pelo pensamento colonizado. Portanto, considerar o pensar, o elaborar e o fazer dos sujeitos que trabalham para que, a partir disso, a produção do conhecimento represente o viver dos grupos que são omitidos e desprezados pela lógica capitalista e colonialista.

O capitalismo dependente que por aqui prosperou, concebeu uma população trabalhadora totalmente excluída da divisão das riquezas produzidas. O crescimento econômico, de acordo com Fernandes (1968), foi gestado com o aumento da miséria e o não acesso aos direitos por quem sempre esteve fora das classes sociais privilegiadas. Apesar disso, ao longo da luta da classe-que-vive-do-trabalho, algumas conquistas foram materializadas na Consolidação das Leis do Trabalho (1943) e na Constituição Federal de 1988.

Em 2017, a reforma trabalhista alterou drasticamente a legislação da CLT e na Constituição Federal ao flexibilizar os direitos legais de atuação sindical. Esta mudança profunda enfraquece a organização coletiva e favorece a ampliação da retirada dos direitos trabalhistas. Em 2019, após a eleição de um projeto político de destruição das limitadas bases sociais brasileiras, tem-se a aprovação da Reforma da Previdência, da Lei da Liberdade Econômica e do Contrato Verde e Amarelo. Tudo isso flexibiliza e precariza mais ainda o trabalho dos brasileiros, aumentando a exploração, a expropriação e diminuindo de forma drástica o usufruto de direitos historicamente alcançados, escancarando maior fragilização e diminuição da qualidade de vida dos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros.

No momento em que escrevemos esse editorial, a crise sanitária que afeta todo mundo, mostra os países capitalistas de tradição liberal (EUA, Inglaterra, França, Argentina, entre outros) realizando intervenções estatais tanto para proteger o sistema financeiro da crise econômica quanto para diminuir o desemprego e investir na saúde e na proteção social. Em oposição a isto, no Brasil, vemos o governo alargar a retirada de direitos dos trabalhadores e minimizar os efeitos da pandemia, ao estimular o fim do isolamento social, numa defesa clara para “salvar a economia”, desconsiderando e mesmo desprezando o que diz a ciência para salvar vidas (Pinho, 2020).

Diante desse contexto, nosso compromisso é o de manter a qualidade acadêmica, com a publicização de estudos que destacam metodologias e teorias que ensejam a defesa das vozes dos trabalhadores e trabalhadoras desse imenso Brasil, no compromisso decolonial de

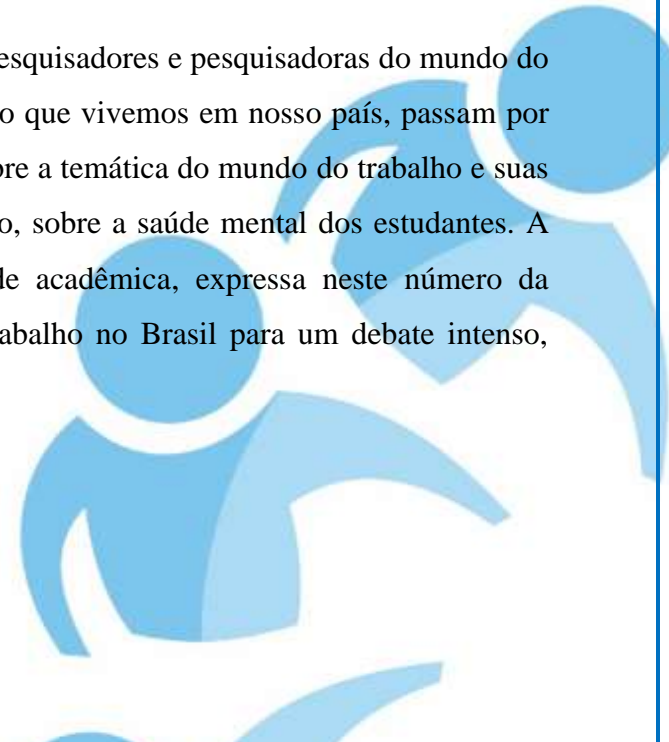
construção dos modos de resistência no âmbito universitário. À vista disso, nesse primeiro número de 2020, apresentamos 16 artigos originais, um relato de experiência e uma resenha de filme.

Apresentamos na primeira parte, seis artigos da “Chamada Geral”, os quais expressam pesquisas que procuram mostrar as resistências práticas dos trabalhadores para enfrentar o sofrimento e adoecimento; e, também, persistências teóricas que analisam o mundo do trabalho e suas consequências para a saúde dos sujeitos que trabalham. Deste modo, os temas presentes se referem à precarização e às resistências no contexto da saúde, à mediação do sofrimento de médicos, à financeirização do ensino superior e ao trabalho docente, ao assédio moral e suas consequências para os trabalhadores, à inviabilidade do sujeito que trabalha na metodologia do risco operacional e ao sofrer de policiais militares.

A segunda parte deste número da revista traz a sequência do Dossiê Temático “Saúde Mental e Adoecimento nas Instituições de Ensino Superior” (Parte II), proposto pelos pesquisadores Karine Vanessa Perez, Luciana Gisele Brun e Carlos Manoel Lopes Rodrigues. Os artigos do dossiê discutem a saúde mental e adoecimento, não apenas dos professores, mas também dos estudantes. A solidão, a depressão, o *burnout*, o sofrimento psíquico e a ansiedade integram a discussão sobre a saúde mental de estudantes universitários (da graduação e da pós-graduação) no Brasil, e também da África (Moçambique) e Colômbia (Medellín).

O Relato de Experiência deste número faz referência ao Dossiê acima, relatando a experiência ocorrida em 2018 em uma universidade pública moçambicana. E por fim a Resenha Fílmica que trata da obra cinematográfica “The Joker”, do diretor Todd Phillips, apresentado ao público em 2019.

Destarte, estamos certos de que, enquanto pesquisadores e pesquisadoras do mundo do trabalho, nossas respostas a esse contexto totalitário que vivemos em nosso país, passam por disponibilizar ao público estudos diversificados sobre a temática do mundo do trabalho e suas interfaces, como a que apresentamos, neste número, sobre a saúde mental dos estudantes. A pluralidade metodológica e teórica com qualidade acadêmica, expressa neste número da revista, nos norteia no campo da psicologia do trabalho no Brasil para um debate intenso, democrático e construtor de um saber decolonial.



REFERÊNCIAS

Fernandes, F. (1968). *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento*. Zahar.

Mignolo, W. (2005). A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In E. Lander (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. (pp. 71-103). Colección Sur Sur, Clacso.

Pinho, C. E. S. (2020). *Pandemia global, governo e desigualdade no Brasil: Um olhar das ciências sociais*. <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597877-pandemia-global-governo-e-desigualdade-no-brasil-um-olhar-das-ciencias-sociais>

